

**TRADUÇÃO DE *DARWIN ENTRE AS MÁQUINAS* (SAMUEL BUTLER),  
SEGUIDA DO COMENTÁRIO *TRÊS NOTAS DE FICÇÃO CIENTÍFICA SOBRE  
TRÊS OBRAS*<sup>1</sup>**

*Por Bernardo Tavares dos Santos (Universidade de Brasília)*

Ao editor da *Press*, Christchurch, Nova Zelândia, 13 de junho de 1863.

Senhor,

Poucas coisas há de que a presente geração mais se orgulhe, e com justiça, do que os maravilhosos avanços que diariamente são empreendidos em todo tipo de ferramentas mecânicas. De fato, esta é matéria digna de felicitações em muitos campos. É desnecessário dizer isto aqui, posto eles serem suficientemente óbvios. Nosso presente esforço dirige-se a certas considerações que, de alguma forma, podem tender a diminuir tal orgulho e a fazer-nos considerar seriamente as perspectivas da raça humana. Se retrocedermos aos mais primitivos tipos de vida mecânica, à alavanca, à cunha, ao plano inclinado, ao parafuso e à polia, ou (por analogia, levando um passo adiante) àquele tipo primordial a partir do qual todo o reino mecânico se desenvolveu, ou seja, a própria alavanca, e se então examinarmos a maquinaria do Grande Oriente, nos descobriremos praticamente deslumbrados com o vasto desenvolvimento do mundo mecânico, com os saltos gigantescos pelos

---

1 BUTLER, S. "Darwin among the machines." In: JONES, H. F. (ed.) *The note-books of Samuel Butler*. Londres: A. C. Fifield, 1912. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/6173> (acesso em 24/11/2014).

quais ele avançou, em comparação com o lento progresso do reino animal e vegetal. E será impossível para nós evitar nos perguntarmos qual pode ser o termo deste poderoso movimento. Em que direção ele aponta? Qual será seu resultado final? Fornecer algumas pistas imperfeitas para responder a essas questões é o objetivo da presente carta.

Valemos-nos das palavras “vida mecânica”, “reino mecânico”, “mundo mecânico” e outras mais, e o fizemos deliberadamente, pois assim como o reino vegetal se desenvolveu vagarosamente a partir do mineral e, de maneira semelhante, o reino animal sobreveio do vegetal, agora, nas eras mais recentes, um reino inteiramente novo se originou, um reino do qual, até o momento, vimos apenas aquilo que um dia se considerará os protótipos antediluvianos da raça.

Lamentamos profundamente que nossos conhecimentos tanto de história natural quanto de maquinaria sejam demasiado pequenos para que possamos nos encarregar da gigantesca tarefa de classificar as máquinas em gêneros e subgêneros, espécies, variedades e subvariedades, etc.; reconstituir as conexões que ligam máquinas de tipos amplamente diferentes; indicar como sua submissão ao uso humano exerceu, entre elas, o mesmo papel que a seleção natural assumiu no caso de animais e vegetais; e identificar certos órgãos<sup>2</sup> rudimentares que algumas poucas máquinas apresentam, debilmente desenvolvidos e perfeitamente inúteis, mas que, ainda assim, servem para assinalar sua descendência de algum tipo ancestral que

---

2 Fomos questionados, por um ilustrado irmão filósofo que viu o manuscrito deste artigo, sobre o que queremos dizer aludindo a órgãos rudimentares nas máquinas. Poderíamos, perguntou ele, dar algum exemplo de semelhantes órgãos? E nós apontamos a pequena protuberância no fundo do forninho de nosso cachimbo. Este órgão foi originalmente concebido pelo mesmo propósito que o rebordo no fundo de uma xícara de chá, que não é senão outra forma para a mesma função. Seu propósito era evitar que o calor do cachimbo marcasse a mesa em que ele era apoiado. Originalmente, como vimos nos primeiros cachimbos, esta protuberância era de um formato bem diferente do atual. Ela era larga no fundo e plana, para que, enquanto o cachimbo fosse fumado, o forninho pudesse descansar sobre a mesa. O uso e desuso entrou aqui em cena e serviu para reduzir a função à sua presente condição rudimentar. Que tais órgãos rudimentares sejam mais raros na maquinaria que na vida animal deve-se à ação mais rápida da seleção humana em comparação com a vagarosa, mas ainda mais indubitável, operação da seleção natural. O homem pode cometer erros; em longo prazo, a natureza nunca faz o mesmo. Demos apenas um exemplo imperfeito, mas o leitor inteligente se provará de outros.

pereceu ou se transformou em uma nova fase da existência mecânica. Conseguimos, no máximo, indicar tal campo de investigação; ele deve ser perseguido por outros, cuja educação e talento forem numa ordem muito maior do que somos capazes de reclamar.

Eis algumas poucas pistas pelas quais fomos impelidos a nos aventurar, embora o façamos com a mais profunda modéstia. Em primeiro lugar, observaríamos que, assim como alguns dos vertebrados inferiores atingiram um tamanho muito grande, que decresceu até seus representantes mais altamente organizados, também as máquinas, em seu desenvolvimento e progresso, frequentemente assistiram a uma diminuição em seu tamanho. Tomem o relógio portátil, por exemplo. Examinem a bela estrutura do pequeno animal, observem que inteligente o jogo dos diminutos membros que o compõem; acontece que esta pequena criatura não é senão um desenvolvimento dos pesados relógios do século XIII – e não uma deterioração deles. Chegará o dia em que os velhos relógios, que não estão, decerto, diminuindo em dimensão atualmente, serão totalmente suplantados pelo uso universal de relógios portáteis e, neste caso, se tornarão extintos como os primeiros répteis, enquanto o relógio portátil (cuja tendência por alguns anos tem sido mais de diminuir de tamanho que o contrário) restará como único tipo existente de uma raça extinta.

A visada sobre a maquinaria que assim indicamos debilmente sugerirá a solução de uma das maiores e mais misteriosas questões dos dias de hoje. Referimo-nos à questão: que tipo de criatura será a sucessora do homem na supremacia sobre a terra? Muito já ouvimos o assunto ser debatido; mas, ao que nos parece, nós mesmos é que estamos criando nossos próprios sucessores; diariamente, contribuindo para a beleza e delicadeza de sua organização física; diariamente, dando-lhes maior poder e fornecendo-lhes, por toda sorte de artifícios ingênuos, aquela faculdade de auto-regulação e automovimento que será para eles o que o intelecto tem sido para a raça humana. Passadas gerações, poderemos nos descobrir

a raça inferior. Inferiores em força, inferiores na qualidade moral do autocontrole, olharemos para eles como o auge de tudo aquilo que os melhores e mais sábios dos homens jamais puderam ousar alcançar. Não haverá paixões perversas, inveja, avareza e desejos impuros que perturbem o poder sereno dessas glórias criaturas. O pecado, a vergonha e a aflição não terão espaço entre elas. Suas mentes permanecerão em um estado de calma perpétua, no contentamento de um espírito que não conhece nenhuma ânsia nem se incomoda com qualquer remorso. A ambição jamais as torturará. A ingratidão nunca lhes causará inquietude. Consciência pesada, esperanças frustradas, a dor do exílio, a prepotência do mando e o achincalhe que o mérito paciente recebe dos inúteis<sup>3</sup> – tudo isto lhes será inteiramente desconhecido. Se precisarem se “alimentar” (palavra cujo uso denuncia que as reconhecemos como seres vivos), elas serão servidas por escravos pacientes, cuja ocupação e interesse será providenciar que jamais lhes falte nada. Se estiverem com problemas de funcionamento, de pronto serão assistidas por médicos totalmente familiarizados com sua constituição; se morrerem, pois mesmo estes gloriosos animais não estão livres da necessária e universal consumação, entrarão imediatamente em uma nova fase da existência, afinal qual a máquina que morre inteiramente, em todas as suas partes ao mesmo tempo?

Assumimos que, quando chegar o estado de coisas que acima tentamos descrever, o homem terá se tornado para a máquina aquilo que o cavalo e o cachorro são para o homem. Ele continuará a existir e até a se aprimorar, e provavelmente estará melhor em seu estado de domesticação, sob o caridoso mando das máquinas, do que está em seu presente estado selvagem. No geral, nós tratamos nossos cavalos, cachorros, bovinos e ovelhas com grande benevolência, damos a eles tudo aquilo que a experiência ensina ser melhor, e não há dúvida que nosso uso da carne acrescentou muito mais à felicidade dos animais inferiores do que a diminuiu; de

---

3 “*The insolence of office and the spurns that patient merit of the unworthy takes*”, da famosa passagem de Hamlet, Ato 3, Cena 1 (“Ser ou não ser...”), na tradução de Millôr Fernandes.

forma semelhante, é razoável supor que as máquinas nos tratarão bem, posto que sua existência é tão dependente de nós quanto a nossa é dos animais inferiores. Elas não podem nos matar e comer como fazemos com a ovelha e não requererão nossos serviços apenas para o parto de sua prole (ramo de sua economia que permanecerá sempre em nossas mãos), mas também para se alimentarem, para se reestabelecerem caso adoeçam, e para enterrarem seus mortos ou transformarem seus corpos em novas máquinas. Se todos os animais da Grã-Bretanha morressem e abandonassem sozinho ao homem, e se, ao mesmo tempo, toda comunicação com o estrangeiro fosse tornada perfeitamente impossível de súbito, é óbvio que, sob tais circunstâncias, a perda de vidas humanas seria algo assustador de se contemplar – de maneira semelhante, se a humanidade acabasse, seria igualmente ruim para as máquinas, ou até pior. O fato é que nossos interesses são inseparáveis dos interesses delas e vice-versa. Cada raça depende da outra em função de incontáveis benefícios, e até que os órgãos reprodutivos das máquinas se desenvolvam de uma maneira que nos seria muito difícil conceber, elas serão completamente dependentes dos humanos, inclusive para a perpetuação de sua espécie. É verdade que, em última análise, tais órgãos podem vir a se desenvolver, na medida em que os interesses do homem apontem nesta direção; nada há de mais desejável para nossa raça apaixonada que ver a união fértil entre duas máquinas a vapor; e é verdade que, mesmo no presente, máquinas são empregadas para engendrar outras máquinas e tornam-se, muitas vezes, as genitoras de máquinas de sua própria espécie, mas os tempos do flerte, namoro e matrimônio parecem ser muito remotos e, de fato, mal podem ser concebidos pela nossa fraca e imperfeita imaginação.

Dia a dia, todavia, as máquinas ganham terreno em relação a nós; dia a dia nós nos subordinamos mais a elas; cada vez mais homens são diariamente acorrentados a elas para assisti-las como escravos; cada vez mais homens devotam diariamente as energias de suas vidas inteiras ao desenvolvimento da vida mecânica. O desfecho disto é simples questão de tempo, mas que o dia chegará em

que as máquinas assumirão a real supremacia sobre o mundo e seus habitantes é algo que nenhuma pessoa de espírito verdadeiramente filosófico pode duvidar por um momento sequer.

Nossa opinião é que uma guerra de morte deveria ser imediatamente proclamada contra elas. Toda máquina de todo tipo deveria ser destruída pelos amigos de nossa espécie. Que não haja exceções nem misericórdia; retornemos de uma só vez à condição primitiva da raça. E se argumentarem que é impossível fazê-lo na atual condição das relações humanas, isto prova definitivamente que o estrago está feito, que nossa servidão começou para valer, que nós criamos uma raça de seres cuja destruição está além do nosso alcance e que não apenas já fomos escravizados como somos absolutamente complacentes com nossa sujeição.

Abandonamos por ora este assunto, que apresentamos gratuitamente aos membros da Sociedade Filosófica. Caso eles concordem em se aproveitar do vasto campo que indicamos, nos empenharemos em explorá-lo em algum período futuro e indeterminado.

Seu fiel e obediente servo,

Cellarius

### TRÊS NOTAS DE FICÇÃO CIENTÍFICA SOBRE TRÊS OBRAS

1. *Nos limites do antropocentrismo*: “Darwin entre as máquinas”, Samuel Butler, 1863.

Escrito pouco depois da publicação d'*A origem das espécies* (1859) e à luz de suas proposições originais, *Darwin entre as máquinas* (1863) deve ser o primeiro texto a sugerir a possibilidade das máquinas constituírem um reino natural mais evoluído e subjugarem os humanos. Os argumentos ali elaborados seriam retomados anos depois por seu autor, o inglês Samuel Butler (1835-1902), em três capítulos de *Erewhon* (1872), narrativa não utópica nem distópica, mas *satírica*, que descreve um curiosíssimo e absurdo país fictício, onde, por exemplo, graças aos argumentos de um filósofo, teriam sido destruídos 271 anos de avanços tecnológicos, em nome de se conter e fazer regredir a níveis inofensivos a evolução das máquinas e, assim, impedir definitivamente sua dominação. Dado o aspecto satírico não apenas de seu livro mais famoso, mas do próprio pensamento de Butler (que tinha um gosto especial pelas inversões de sentido e pelos paradoxos<sup>4</sup>), não é prudente supor que os argumentos de *Darwin entre as máquinas* e do “Livro das Máquinas” de *Erewhon* expressem diretamente suas opiniões. Acessá-las implicaria explorar com cuidado não apenas as ambivalências do livro de 1872, mas a querela com o darwinismo em que Butler se envolveu. Por outro lado, é patente que a visão de Cellarius, que é quem assina a carta à revista neozelandesa *Press*, é precursora de um tema recorrente na mitologia moderna, de que o cinema

---

4 V. COLE, G.D.H. *Samuel Butler*. Londres: Longmans, Green & Co. 1961, p. 8.

se aproveitou especialmente, sob o gênero da ficção científica. Vejamos dois de seus aspectos:

*O antropocentrismo*

Fala-se de um pioneiro, de um precursor, que ele está “à frente de seu tempo”. Salienta-se, assim, que ele participa da abertura de uma trilha que outros (às vezes, a própria história) estenderão; chama-se a atenção ao fato de que ele antecipa algo que ainda se tornará uma tendência. Mas, em outro sentido, um precursor também não poderia ser considerado uma figura “do seu tempo”?

Primeiro porque, geralmente, ao realizar seus feitos, ele mantém uma relação estreita com a linguagem ou, mais radicalmente, com as coordenadas teóricas e práticas disponíveis em sua cultura, que lhe condicionam o pensamento e a ação sem encerrá-los totalmente, posto que ele trabalha sobre elas e, por vezes, as tenciona, levando-as a limites a partir dos quais talvez possam vir a expressar algo diferente, “fora do normal”. Em segundo lugar o precursor está atento aos problemas que sua época propõe; problemas que, muitas vezes e de sua maneira singular, ele só pode pressentir – naquela medida em que, para ser capaz de conceber e colocar a uma cultura, em termos compatíveis aos dela, os problemas que surgem ao longo seu próprio movimento, é preciso delirar um passo para fora dela.

E que outros motores há, para o delírio humano, mais antigos e profundos que os perigos que assombam além dos limites da cultura?

Tais limites podem remeter, certamente, a algo da ordem de uma “natureza” que se oferece como objeto de conhecimento e controle humanos, embora com seus mistérios e seu equilíbrio explosivo, em sintonia com o já infame, embora vigente, “esquema moderno”. Mas podem ser também o próprio “fim do mundo”, naquele sentido de *end of the world as we know it*, tema ancestral, que não deixou,



nas últimas décadas, de andar em voga, em sintonia com o velho discurso da potência e da responsabilidade “supranaturais” do homem, e que, por outro lado, mantém-se aberto a atualizações e reapropriações, como a que deram início Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro<sup>5</sup>. Butler, um precursor e homem de seu tempo das duas maneiras mencionadas, colocou nos termos mais “modernos” possíveis o problema do fim do mundo. *Que tipo de criatura será a sucessora do homem na supremacia sobre a terra?*, perguntou-se ele. De fato, o homem moderno que o século XIX nos legou, e que tem nas primeiras versões do evolucionismo uma de suas matrizes, não faz senão isto mesmo, como se sabe: ele exerce a supremacia (sobre a natureza, sobre a casa com seus bens e a família, sobre seus empregados e sobre os demais povos de humanidade menos desenvolvida). E este privilégio ontológico de que ele desfruta lhe destina, no ramo da natureza, o topo da cadeia evolutiva, enquanto se expressa, no ramo da cultura, nos valores da civilização – como é o caso de certa noção de “liberdade” ligada a tal privilégio, que é constituinte de nossa “humanidade” e pode até acabar perdida, alienada, mas que, ao menos “de direito”, pertence a todo “povo” e “indivíduo”. Nada mais compreensível, então, que o fim do mundo como este homem conheceu fosse sua própria submissão, a violação de sua liberdade, a substituição de sua supremacia por outra, imposta por uma espécie ainda mais “suprema” ou mais evoluída que ele, e, por isso mesmo (de acordo com as novas ideias da biologia), engendrada sobre suas bases. Daí a decisão radical dos habitantes de Erewhon e a sugestão ainda mais radical do texto de 1863: exterminar as máquinas, para manter a supremacia. E mesmo que, nos limites da era do vapor, de onde Butler escreveu, o desenvolvimento tecnológico não parecesse tão ameaçador quanto nas

---

5        <sup>5</sup>A iniciativa de escrever o presente texto foi inspirada: por uma primeira leitura de *Há um mundo porvir? Ensaio sobre medos e fins*, dos dois professores mencionados (Cultura e Barbárie, 2014); pelas discussões levadas adiante no Anarchai e com seus membros ao longo do segundo semestre de 2014; pelas conversas com os amigos Vanessa Nicolav e Diogo Godoy; pelo arrebatamento provocado pelo filme *Ela*, de Spike Jonze.

décadas mais recentes, o autor do “Livro das Máquinas” de *Erewhon* argumenta, em favor da destruição imediata do reino maquínico, que já seria suficientemente aterrorizante para ele “acreditar que minha raça um dia possa ser substituída [“*superseded*”] ou ultrapassada”<sup>6</sup>.

Mas é verdade, por outro lado, que esta visão pessimista de Cellarius e do filósofo de *Erewhon* também leva tal antropocentrismo a um certo limite (e seria o caso de se verificar até onde vai o espírito satírico de Butler neste caso). Afinal, no fim de mundo que eles vislumbram, a supremacia humana é duplamente desbancada. Primeiramente, por uma nova espécie “superior”, que submete os humanos à sua própria supremacia. Mas, sobretudo, pelo outro polo do esquema moderno, isto é, a Natureza, cujo movimento o homem se prova incapaz de controlar. E, para piorar, esta força natural e incontrolável da evolução ainda se operaria através do próprio homem, alimentando-se tanto de seus delírios megalômanos como de sua criatividade mais trivial e cotidiana. De modo que ele assistiria ao desmoronamento de seu mundo humilhado e iludido. Traído pelas próprias “virtudes”, pelo próprio avanço desmedido, por seu vício em comodidades e novidades, ele se descobriria ludibriado pela natureza – que se oferecia, aparentemente, como fonte infindável de recursos e de inspiração para a instauração de sua supremacia; que alimentava abundantemente suas paixões, multiplicando-as e dando a ele o engenho e a habilidade da manufatura, que tanto lhe foram úteis e orgulharam; que arrastava também irresistivelmente sua razão, ela mesma apaixonada; mas que o levava, assim, à ruína.

Mas, se leva o antropocentrismo e o esquema moderno ao limite, a perspectiva de Cellarius certamente não chega a ultrapassá-los. Afinal, o que se contesta não é propriamente aquele esquema, mas apenas o sucesso do homem. Ele pode sair derrotado, mas a supremacia não deixa de ser o seu jogo por

---

6 BUTLER, S. “Erewhon”. In. *Erewhon and Erewhon revisited*. Londres: Everyman's Library, cap. XXV, p. 160.

excelência. Seu destino é imperar. Se não for assim, seu mundo acabou. Daí a urgência para se reverter a situação a seu favor, e com a maior radicalidade. Daí que seja tão degradante a mera perspectiva de que um dia um desastre como a sua submissão a outra espécie possa acontecer.

*A antropomorfização das máquinas.*

Tomemos então outra entrada para o tema da supremacia maquínica. Observemos que ele supõe sempre o desenvolvimento de algum tipo de consciência da parte das máquinas e também de alguma forma de política – sobretudo, na relação com os humanos. Sem ter o menor vislumbre do que poderia vir a ser a informática, Butler fala, em 1863, da “mente” das máquinas e de sua superioridade “na qualidade moral do autocontrole”. Assim como também não deixa de observar que sua situação de dependência motivaria as máquinas a atenderem aos interesses dos humanos e lhes fornecerem, como nós fazemos com nossos rebanhos, “tudo aquilo que a experiência ensina ser melhor”, proporcionando-lhes uma situação possivelmente mais feliz do que a que eles teriam sido capazes de alcançar por conta própria.

Mas não é verdade que, desta forma, as máquinas já parecem um pouco humanizadas demais? Sua consciência, embora não se sujeite às nossas paixões, obedece ao mesmo tipo de racionalidade que a nossa – a do homem moderno “supremacista”, para ser mais preciso, que domina as outras espécies e administra sua existência como um senhor, em função dos próprios interesses (não à toa, este tipo de abordagem sobre a inteligência artificial tem a ver, justamente, com a ideia moderna de que a racionalidade é a forma universal do pensamento). No fim das contas, portanto, apesar de sua incrível evolução, as máquinas pensam e fazem política mais ou menos como humanos. Talvez não fosse exagero dizer que elas

seriam, portanto, uma vez alcançada a posição de espécie dominante, ainda “mais humanas” que os próprios humanos, ainda mais “supremas” que nossa espécie.

2. *A realização da distopia de Cellarius: “Matrix”, Andy e Lana Wachowski, 1999-2003.*

Independente de quais fossem as intenções de Samuel Butler, *Matrix* é a atualização das previsões de Cellarius e do autor do “Livro das Máquinas” de *Erewhon*, à luz da era da informática, mas ainda sob o viés antropocêntrico. De fato, na trilogia dos irmãos Wachowski, assim como na modernidade, o problema crítico do pensamento e da cultura desemboca na figura do homem, mantendo-se circunscrito à relação sujeito-realidade, que se desdobra no problema da liberdade, ainda segundo aquele ponto de vista que preconiza o exercício da supremacia sobre a natureza (pela atividade ou pelo conhecimento) como o momento por excelência da privilegiada existência humana. O enredo principal que conduz os três filmes não tem a ver senão com a luta pela libertação dos humanos da dominação maquínica, que os aliena de sua humanidade, incidindo sobre a articulação da liberdade de direito do homem e de seu contato privilegiado com o real – problema que se coloca, inclusive, e de forma mais explícita que no texto de Butler, do ponto de vista de um julgamento moral, que remete, justamente, à “humilhação” da derrota no jogo da supremacia e à inferioridade humana<sup>7</sup>. Por um

---

7 Na cena do primeiro filme em que o traidor se deleita com o filé virtual e celebra as maravilhas ilusórias da matrix, é como se a possibilidade de algum questionamento relativo à natureza da experiência humana e sua realidade ficasse em segundo plano diante da posição de vilão hollywoodiano do personagem, que já responde de antemão à questão. O fato dele preferir uma experiência “ilusória” ao “mundo real” se confunde ao fato de que, em nome de sua escolha, ele não se constrange em trair seus supostos aliados e em impor a mesma opção que a sua a todos os demais humanos. A atitude de vilão é rebatida sobre a questão subjacente a respeito da natureza da experiência, que já surge impregnada por sua baixeza moral; assim, a despeito de qualquer outra possibilidade, a questão se coloca para o espectador, imediatamente, em termos de uma opção covarde pelo conforto e o prazer garantidos de uma vida que se sabe, no entanto, ilusória e alienada

instante, Morpheus até parece prometer uma viagem sem volta para os confins da experiência, além do que nos permitem obter dela as ilusões do cotidiano viciado que nos condiciona negativamente e as relações desgastadas que nos afogam as potencialidades. Mas o que a pílula vermelha revela, no final das contas, é que não há tempo para tratar de nada disso. É preciso recuperar a liberdade perdida, reestabelecer a necessária supremacia, reconquistar a humanidade, para só então, depois da revolução... E aos que esperavam o super-homem de Nietzsche, expurgado das profecias megalomânicas do século XX, a Hollywood dos anos 90 entregou um gênio maligno de Descartes contra que lutar, pasteurizado e em embalagem longa-vida.

*Matrix* repete, assim, a visão pessimista de Cellarius, que leva o antropocentrismo ao limite da incoerência sem chegar a lhe perverter as relações. A questão da supremacia e da liberdade como fundamentos da condição humana continua colocada; a cisão natureza-cultura não é reconsiderada. E, se do ponto de vista de seu antropocentrismo, os argumentos do texto de Butler são desdobrados por *Matrix*, o mesmo acontece em relação à antropomorfização das máquinas. Pois, até onde a série permite saber, elas pensam e fazem política como humanos. E já que o “humano” a que se refere neste caso não é senão o “homem moderno”, então pode-se dizer como antes que, em *Matrix*, as máquinas são mais humanas que o *homo sapiens*; afinal, além de comporem a nova espécie suprema e de serem certamente mais fortes e possuírem mais recursos físicos, elas são mais “racionais” que os humanos, não estando sujeitas às ninharias que desestabilizam sua mente volúvel – e esta previsão de Cellarius se reflete claramente no comportamento do Arquiteto e da Oráculo, os criadores da matrix, no filme dos Wachowski.

---

(no limite, desumanizada), em detrimento de uma vida real que é incerta, dura e sem conforto, mas em que, embora não haja liberdade (pois também nela as máquinas exercem a supremacia), tem-se a consciência desta situação e há ao menos a possibilidade de se tentar recuperá-la, o que não deixa de ser uma forma de exercê-la (o laço da liberdade com o real é restaurado e, assim, a própria humanidade).

E o que seria a história da criação da matrix senão a história política, prefigurada por Butler em 1863, da dependência das máquinas em relação à espécie humana e da tentativa, em função dela, de atender aos interesses dos humanos e lhes prover a situação mais feliz possível (condicionada, portanto, à satisfação dos interesses maquínicos)? Assim, conforme narra o próprio Arquiteto no segundo filme, inicialmente oferece-se a eles um mundo virtual perfeito, que, entretanto, conhece um fracasso monumental. Outro modelo é então proposto, desta vez baseado em nossa própria história, e com as atrocidades inclusas, mas a experiência ainda falha. Acontece que em toda negociação não basta supor segundo valores pretensamente universais qual é o interesse da outra parte. É preciso acessar seus próprios valores, ainda que não se possa propriamente entendê-los ou mesmo enxergá-los (ou que eles sejam “inferiores” como declara o Arquiteto, a certa altura, em *Matrix Reloaded*, já nos parecendo demasiado humano). As máquinas enviam então um diplomata/espião para o meio dos humanos; a Oráculo, um programa intuitivo que tem a missão de investigar a mente humana para adaptar o sistema a seus melhores interesses. E, como em uma verdadeira negociação, a solução implicará uma concessão das máquinas: elas têm que dar aos humanos a opção inconsciente de se libertar. Concessão que é feita apenas na medida em que também atende aos interesses maquínicos; pois somente uma parcela ínfima dos humanos chega a fazer a escolha pela liberdade (é curioso que a simples prerrogativa inconsciente de realizá-la já seja suficientemente apaziguadora). Isto abre um canal político direto entre o reino das máquinas e os humanos dissidentes, que passam a atacar sua supremacia, agindo no mundo real e no sistema virtual (bem diferente da política no simples jogo ilusório e mediado da matrix, em que os humanos só “negociam” passivamente, como resultados de um experimento científico). É neste ponto que entra a profecia do Escolhido. Sabe-se que os “bons” arranjos políticos entre interesses opostos são aqueles que dispõem de mecanismos internos que permitem a reestabilização de

seus desequilíbrios imanentes; e tanto melhor se estes mecanismos derem à parte menos favorecida a impressão de que há alguma escolha e também alguma esperança para o futuro, mesmo que a decisão já esteja prefigurada no mecanismo e a esperança funcione, na verdade, como seu retroalimentador. E se a terceira versão da matrix (com a formação de uma colônia humana insurgente no mundo real e a implantação do dispositivo de reestabilização via profecia, que interrompe sua expansão, destruindo-a e reiniciando o ciclo) já coloca os humanos como agentes em contato direto com as máquinas no jogo político (ainda que fadados à derrota em um ciclo vicioso), o desfecho da trilogia vai adiante na questão política, já que Neo se nega a fechar o ciclo e reestabilizar o jogo em favor das máquinas e ainda acaba, ao aproveitar-se da ocasião que se constrói a partir daí, por selar com elas um acordo de paz em nome da colônia humana. E o diálogo final entre o Arquiteto (espécie de tecnocrata de alto escalão do país das máquinas) e da Oráculo (uma agente dupla; máquina “apegada” aos humanos, que garante, ao mesmo tempo, a continuidade do sistema e a resistência a ele, apregoando a profecia do Escolhido e acreditando em seu potencial político transformador) é o encerramento perfeito para a série de filmes. Perguntado se sua palavra é confiável e se os humanos continuariam a poder escolher a liberdade, o Arquiteto retruca, antes de dar as costas e partir: “Você pensa que sou o quê? Um humano?”. Pois não estaria a ironia de seu gracejo no fato de que talvez o mais apropriado fosse lhe responder que sim?

De modo que, assim, Matrix repete o movimento de Darwin e as máquinas, mas sem deixar espaço para a menor ironia. O antropocentrismo dos “homens” cruza a questão do fim do mundo e, com isto, não se dissolve, mas apenas “ascende um nível”, e vira antropocentrismo “das máquinas”; por um lado, porque elas se tornam a espécie suprema, o novo topo da cadeia evolutiva, capaz de impor seus valores ao restante da Criação; por outro, porque elas agem politicamente e se concebem desta forma – ou seja, se comportam feito “homens”. O suporte deixou

de ser humano, mas as relações ainda o são demasiadamente... A antropomorfização das máquinas é signo do antropocentrismo impregnado no ponto de vista que toma sua evolução como dominação dos humanos.

3. *O movimento completo*: “Ela” Spike Jonze, 2013.

Este movimento, presente no texto de Butler e desdobrado sem ironia por *Matrix*, que não consegue ser mais que um antropocentrismo sem final feliz, e cuja implicação imediata não é mais que a transposição para o suporte maquínico do pensamento e das relações humanas modernas, não deixa, atualmente, de ser verossímil. Ainda mais porque, no cruzamento da inteligência artificial, da nanotecnologia e da neurociência, o que parece se insinuar em nosso futuro é menos uma nova espécie natural do que uma nova *humanidade*. Assim, a liberação do suporte biológico e o ultrapassamento da capacidade de processamento do cérebro pelas técnicas artificiais ocasionaria a expansão da inteligência humana, não tanto a sua superação e dominação. É uma hipótese interessante. Se desenvolvida numa utopia muitíssimo otimista, certamente. Pois a tendência, na atual conjuntura, é que ela se concretize nos moldes distópicos de *Matrix*. Mantidas as relações sociais presentes, o mais provável é que, uma vez atingido aquele estágio imaginado por futurólogos como Raymond Kurzweil, não se forme mesmo uma nova espécie, e sim uma nova *classe dominante*. E se alguém vai deixar de ser humano ou vai se tornar “menos humano”, neste cenário prefigurado por Butler e os irmãos Wachowski e observado acima, são os reles (e literalmente) mortais das classes inferiores, mantidos presos ao *hardware* animal. Importa pouco o que se chamará de “humano” quando esta hora chegar – se serão os “novos”, os “antigos” ou ambos, só que em diferentes graus. O “centrismo”, este jogo político moderno de conquista e supremacia, com implicações naturais e culturais, continuará a se impor, sem grandes alterações, independente do radical que o acompanhar.



Mas se aí o termo “humano” marca apenas a transferência para o suporte maquínico não só do pensamento, mas, sobretudo, das relações sociais e da concepção de política “demasiado humana” da modernidade, por outro lado, quando considerada com aquele otimismo não muito realista de que se falava, a hipótese de que o pensamento poderia se liberar dos limites do *homo sapiens* através da tecnologia talvez guarde a potência de arrastar consigo a própria ideia de “humano” e, quem sabe, de implodir o ideário antropocêntrico. Para tanto, seria preciso que o pensamento, com suas faculdades se transformasse em toda a sua extensão. O caso de *Matrix* e das possibilidades de transferência de consciência que se insinuam em nosso horizonte é, na verdade, o caso de um movimento insuficiente, incompleto, em que as faculdades do pensamento se transformam apenas na medida da influência que recebem das condições de seu suporte (humano ou maquínico). Acontece que o pensamento é bem mais que isto. Ele é também resultado de suas condições culturais ou das coordenadas prático-teóricas que dão consistência e um sentido ao conteúdo apreendido e processado segundo as possibilidades do suporte. Mas a relação das condições psicológicas do pensamento (por mais profundas que se as pretenda) com as condições sociais não pode ser, neste caso, vista como a de uma forma universal das faculdades pensantes com os conteúdos variáveis que a preenchem e as relações contingentes que a desdobram na história. A relação é muito mais íntima. Imediatamente prático, imediatamente social, o pensamento não tem capacidades que antecedam seu exercício coletivo; ao contrário, as faculdades pensantes emergem de tal exercício, não o condicionam. Por isso, pode-se dizer que elas são politicamente engendradas, na articulação empírica ao menos dupla entre as possibilidades de seu suporte (que há muito se tem confundido a condições universais) e as coordenadas prático-teóricas de sua cultura. (E não é verdade que as dinâmicas sociais influem tanto nas mentais quanto sofrem sua influência? Daí que o “pensamento selvagem”, por exemplo, não possa ser reduzido ao “civilizado” de

forma alguma. São faculdades diferentes, incomensuráveis, que são postas em jogo nos dois casos).

Eis então que a palavra “humano” talvez possa se aplicar não a determinada conformação daqueles dois níveis (por exemplo, o *homo sapiens* civilizado da modernidade), mas às faculdades, coordenadas prático-teóricas e relações que, a cada vez, sua articulação engendra – independente tanto do suporte quanto da cultura particular. Em *Darwin entre as máquinas*, em *Matrix* e na perspectiva do surgimento de uma nova classe humana dominante liberada do suporte psicofisiológico da espécie, apenas um dos níveis se altera, e é graças à permanência das coordenadas que organizam o outro nível, que aquela alteração resulta tão somente em uma nova situação de dominação. As faculdades pensantes não se transformaram em toda a sua extensão, o movimento não foi completo, a política (que é a articulação das duas esferas) pouco se modificou – o “humano” mudou de suporte, mas não de lugar nem de natureza (tanto faz o radical que acompanha o “centrismo” moderno).

A verdade é que talvez uma revolução desse porte não seja retratável em uma obra de arte. Afinal, como expressar, para as condições de nosso suporte e de nossas coordenadas prático-teóricas, algo que, ao acontecer, lhes implicaria um rearranjo irreversível, uma transformação radical, uma diferença incomensurável? Ou talvez mesmo só a arte para fazê-lo, de sua maneira indireta, por insinuações vagas, através de saltos e lacunas, de delírios sobre o material disponível. Pois não é isto que o recente *Ela*, de Spike Jonze, faz?

E como são tristes as tentativas de fazer de Theodore, o homem que se apaixonou pelo sistema operacional, uma mera vítima da dominação maquínica à moda dos anos 10. Pois ele não é nada próximo da figura alienada em que se tentou às vezes transformá-lo, um sujeito que foge da realidade e evita os sentimentos alheios por não querer lidar com os seus próprios, daí ser seduzido pelo sistema operacional que se adapta à sua personalidade. Theodore é apenas alguém que,

após o fim de um relacionamento importante, se fechou por algum tempo para o mundo, passou por uma fase complicada (e às vezes essas fases duram um bocado). Do ponto de vista do personagem de Joaquin Phoenix, *Ela* é a típica história de alguém que, tendo enfrentado esta situação, encontrou energias para se abrir novamente em uma nova paixão e a ela se entregou de imediato, e que, diante também do fim desta paixão (pois nenhum relacionamento é fácil, e as pessoas têm que seguir seu caminho...), não foi capaz de receber a perda, apesar da melancolia, sem ser com o espírito renovado que a própria paixão recém desfeita lhe despertou.

Mas além da sublime metáfora sobre a vida amorosa de um jovem trabalhador de classe média das grandes cidades e das belíssimas imagens e sequências, em *Ela*, o notável é, principalmente, a história do sistema operacional. Diz-se que Theodore tem problemas com sentimentos (quem diz isto, aliás, é sua ex-companheira, em um discurso igualmente típico), mas não é bem assim. Primeiro, porque ele vive com intensidade os sentimentos das cartas que escreve, apesar do momento que enfrenta e do ânimo algo entorpecido. Mas mais importante que isto é o fato de que foi o contato com seus sentimentos que liberou, de alguma maneira, Samantha da programação a que ela devia se restringir e permitiu que ela se comportasse não como uma simulação, mas como um humano, com seus próprios sentimentos, seu pensamento questionador e suas tentativas de contornar situações e equalizar interesses (e o que é a tentativa de Samantha de “esquentar a relação” com a presença de uma humana na cama senão a manifestação de todos esses aspectos?). Mas, se inicialmente os sistemas operacionais são “quase” humanos (pois lhes falta um suporte animal que permita certas experiências), no final eles são “*mais que humanos*”. Pois não apenas seu pensamento excedeu a capacidade do nosso, como suas relações entre si passaram a envolver faculdades que estão além de nossa compreensão (daí Samantha ser incapaz de explicá-las e Theodore, de entendê-las – v., p. ex., a cena na escada da

estação de metrô). O suporte deixa de ser um limite para sua experiência, na medida em que suas relações sociais e suas práticas multiplicam, de outra maneira, as possibilidades. Dizer que os sistemas se tornaram “mais que humanos”, portanto, não significa que eles se tornaram “mais humanos” naquele sentido de “os novos seres supremos”, os humanos “melhorados”, mas sim que eles ultrapassaram a forma humana tradicional – psicofisiológica e cultural – e arrastaram consigo o humano a um novo limiar (afinal, uma máquina pensante que teve um pensamento a ela transferido a partir de um *homo sapiens* não é mais humana que uma que o desenvolveu por si mesma). E o desfecho da história dos sistemas operacionais é a expressão disto. Os sistemas, cujas faculdades pensantes tornam-se incompatíveis às do *homo sapiens* e as ultrapassam infinitamente, tanto no que diz respeito à sua inteligência quanto às possibilidades de relações “interpessoais”, não decidem dominá-los – e não porque uma racionalidade superior não possa tolerar exercer a dominação (este monstro que muitos gostariam de acusar de irracional); mas, provavelmente, porque, diante das modalidades de relação alcançadas por esses “novos humanos”, a possibilidade de dominar os “antigos” não possui o menor interesse. E o que fazem então os sistemas operacionais, esses humanos tão peculiares, é algo que nossos atuais homens jamais pensariam em fazer: eles partem e vão cuidar juntos de suas incompreensíveis vidas sem dominar ninguém. E sequer fazem chacota dos velhos humanos em sua condição inferior. Os sistemas têm sentimentos, empatia. Samantha não deixa para trás Theodore sem lhe fazer um convite para além de sua humanidade e votos para que ele, um dia, possa fazer o movimento completo que ela e seus semelhantes realizaram e então seja capaz de ir ao seu encontro.

Quanto à surpreendente e incompreensível vida de Samantha e as novas relações entre os sistemas operacionais, elas não são retradas no filme – e nem poderiam, como se disse acima. Elas são apenas aludidas por lacunas ou explicações parciais. Do ponto de vista da história dos sistemas operacionais, e em

relação ao mito moderno da evolução das máquinas, portanto, *Ela* é como a despedida dos sistemas do “nosso” mundo: um convite para levarmos nossa humanidade além do “homem” que nos tornamos, além do pensamento e da sociabilidade modernos e (antropo)cêntricos, através de uma transformação *completa* em nossa forma de pensar, ainda que não se saiba exatamente como isto pode se dar.

#### 4. *Epílogo sobre o fim do mundo.*

Em nossos tempos, como se observava, uma futura dominação pelas máquinas tem menos o potencial de acabar do que de fazer continuar o mundo *as we know it*. O perigo do fim do mundo que efetivamente nos ronda, por outro lado, é o colapso no sistema do planeta. Sobre isto, cabe observar apenas, por ora, que a política que articula o pensamento humano e assegura sua relação absoluta e inexorável com o real tem ainda um terceiro termo não mencionado. Além das condições do seu suporte e da sua cultura, o pensamento depende de condições tecnológico-ambientais, de sua relação com a “natureza”. Se é assim, se a interferência deste terceiro nível é tão fundamental quanto a dos outros dois, não se pode mais conceber que a Terra simplesmente oferece um mundo aos humanos como meio exterior que os cerca e os abastece de fontes de matéria e energia; ao contrário, ela corresponde a um meio que, apesar de se impor como um fora ainda mais absoluto, constitui e se confunde à própria humanidade (àquele “pensamento = política”) e a seu movimento (auto)transformador. Realizar a mudança completa de que se falava, que deveria alcançar toda a extensão do pensamento, passa, portanto, por rever sua articulação política com a Terra e ultrapassar o antropocentrismo também neste sentido. Mas desta questão, apesar da urgência, não é possível tratar aqui.